

/ PALAVRA DO LEITOR

Investimentos em energia

A empresa Casa dos Ventos projeta investir cerca de R\$ 10 bilhões em eólicas gaúchas até 2030 (Jornal do Comércio, edição de 15/09/2026). Esse tipo de investimento mostra como a transição energética já está diretamente ligada à infraestrutura, logística e capacidade de decisão de longo prazo. Projetos dessa escala exigem coordenação entre geração, transmissão, operação portuária, fornecedores e riscos regulatórios. É justamente nesse encontro entre dados, operação e governança que enxergamos espaço crescente para inteligência aplicada e decisões mais rastreáveis. (Carlos Merlo)



STF

A composição do Supremo Tribunal Federal (STF) é feita a partir das indicações dos chefes do Poder Executivo e pela aprovação do Senado Federal (JC, 16/09/2026). O problema da composição do STF é o fato de os ministros serem indicados pelo Presidente da República. É preciso mudar a Constituição. (Cristiane Holler Herberts)

Startup gaúcha

A Sollara, startup focada em inteligência artificial, integração de sistemas, agentes inteligentes e automação de processos, chega ao mercado com projeção de faturamento de R\$ 2 milhões até o final do ano (JC, 16/09/2026). Excelente reportagem, parabéns Patricia Knebel por sempre dar espaço para as empresas que investem em inovação e TI. (Camila Dilélio)

Bolsa Família

O governo federal anunciou o reajuste de 15,04% no Bolsa Família, elevando o piso do auxílio de R\$ 600,00 para R\$ 691,00, enquanto o valor médio irá de R\$ 691,00 para R\$ 777,00 (JC, 17/09/2026). Em época eleitoral, deveria ser proibido realizar qualquer reajuste de auxílio do governo. (Ana Lúcia Stoll Kayser)

Cooperativa

A Cooperativa Agrícola Água Santa (Coasa), no Norte do Rio Grande do Sul, investirá R\$ 26,8 milhões na ampliação da capacidade de armazenagem de grãos, da fábrica de rações e na modernização do sistema de secagem (JC, 17/09/2026). É um orgulho estar junto com a Coasa neste momento tão importante da sua história. Parabéns à empresa. (Renan Dal Cero)

Santa Maria

Para o empresário Ottomar Vontobel, apesar da mão de obra qualificada e da grande presença de instituições de ensino superior, Santa Maria ainda tem espaço para avançar na industrialização (JC, 16/09/2026). Ottomar Vontobel é um extraordinário empresário. Todavia, há algumas administrações que não evoluíram com “a mesma cabeça”. (Rafael Pacheco)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é “Artigo” ou “Palavra do Leitor”. Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Selic cai. Mas o que vem depois?

Vanessa Onzi

O Copom reduziu novamente a Selic em 0,25 ponto percentual, levando a taxa para 13,75% ao ano. O movimento já era esperado pelo mercado, mas a grande questão está nos próximos passos: qual será o ritmo de flexibilização daqui para frente?

A resposta dependerá não apenas da inflação e da atividade econômica brasileira, mas também do cenário externo. E o contraste da “Super Quarta” chama atenção: enquanto o Brasil reduz os juros, o Federal Reserve elevou a taxa americana para 3,75% a 4%, diante de uma inflação ainda pressionada. O ambiente internacional, portanto, continua relevante para câmbio, fluxo de capitais, commodities e condições financeiras.

No Brasil, as projeções do mercado ajudam a dimensionar esse cenário: PIB de 1,89% em 2026 e 1,45% em 2027; inflação de 4,90% e 4,30%, respectivamente; e Selic projetada em 13,75% ao final de 2026 e 12,00% em 2027. Mas talvez o dado mais importante esteja justamente na direção dessas revisões: o crescimento esperado para 2027 vem sendo reduzido, enquanto a projeção de inflação para o mesmo período subiu pela quinta semana consecutiva. Isso sugere um cenário de atividade mais moderada, inflação ainda resistente e juros elevados por mais tempo. É nesse contexto que começa a construção do planejamento de 2027.

Mais do que definir quanto crescer, será necessário entender em quais condições esse crescimento poderá acontecer. Quais serão os impactos dos juros sobre crédito e consumo? Como inflação, câmbio e cenário externo podem afetar custos e margens? Onde haverá espaço para crescimento e onde será necessário buscar produtividade e eficiência? E, principalmente, quais são os drivers que realmente movimentam cada negócio?

Planejar é transformar essas premissas em escolhas: onde crescer, onde investir, onde ganhar eficiência e quais prioridades precisam ser preservadas mesmo diante de cenários diferentes.

Por isso, o planejamento não deve partir de uma única previsão. Deve trabalhar com cenários, testar premissas e deixar claras as variáveis que podem exigir mudança de rota ao longo do ano.

No fim, o orçamento traduz a estratégia em números. O planejamento transforma o cenário em decisões. Juros mudam. A economia muda. A estratégia precisa continuar.

Economista da Unicred Integração

A eleição passa. A cultura da empresa não

Sandro Eduardo

A política raramente mobiliza apenas ideias; mobiliza identidade, pertencimento e valores. Quando alguém percebe que as suas convicções estão sendo ameaçadas, o cérebro tende a responder como se estivesse diante de uma ameaça social. A capacidade de escuta diminui a ponto de anular o discernimento, a necessidade de defender posições se sobrepõe e o diálogo perde espaço para a discussão.

A cultura do respeito não se constrói durante períodos difíceis. Ela é apenas testada nesses momentos

to, a necessidade de defender posições se sobrepõe e o diálogo perde espaço para a discussão.

O erro das empresas é acreditar que esse fenômeno se resolve pedindo que as pessoas “evitem falar de política”. Não se trata, apenas, de silenciar opiniões, mas de elevar a qualidade das interações.

Ambientes maduros não são aqueles onde todos pensam igual, contudo aqueles onde as pessoas aprenderam a discordar sem romper vínculos. O papel da liderança é o de deslocar o foco das convicções individuais para um compromisso coletivo: o respeito, a cooperação e os objetivos da organização.

Por sua vez, o controle excessivo pode gerar

sensação de censura e aumentar o conflito. Todavia, a cultura do respeito não se constrói durante períodos difíceis. Ela é apenas testada nesses momentos. Então, o papel da empresa não é o de arbitrar ideias políticas, mas de estabelecer e orientar padrões de convivência. Lideranças que se calam diante de comportamentos desrespeitosos acabam os legitimando. Vale lembrar que neutralidade não é omissão.

Além disso, as eleições terminam. Já a cultura da empresa permanece. Assim, o compromisso da organização não é com uma posição política, mas com o respeito, a segurança psicológica e a continuidade das relações profissionais.

Na prática, além desse período de eleições, as empresas devem formar líderes capazes de regular emoções antes de tentar regular equipes. Um líder emocionalmente reativo amplia conflitos; um líder emocionalmente consciente é capaz de entender os mecanismos envolvidos, reduzir ímpetos e devolver racionalidade ao ambiente.

Assim, nesse sentido, o meu principal conselho aos empresários é: invistam menos em protocolos para administrar crises e mais no desenvolvimento da competência comunicacional das lideranças. Afinal, a forma como um gestor conduz atritos e animosidades tem muito mais impacto sobre o clima organizacional do que qualquer normativa.

Professor e pesquisador em neurociência